

In David Houkão - Ferreira:
As quatro estações

Erila e a madrugada

Sentes-te cansada, mas valeu a pena teres ido. Mais uma vez o teu *fair-play* se viu posto à prova; e finalmente subbeste triunfar dessa tentação de «fuga», desse desejo de nesta ocasião te encontrares bem longe de Portugal.

É evidente que o Nuno, até ao último instante, há-de ter pensado que não irias. Mais: há-de ter desejado que não fosses. De qualquer modo, portou-se melhor do que tu esperavas: nem surpresa nem desagrado, quando lá na herdade apareceste diante dele. E a pequena, também, impecável.

Ida e volta, mais de quatrocentos quilómetros. Propositadamente, foste e viste só. Por sorte, o tempo estava esplêndido. Já mal te lembravas de um dia assim, no Alentejo, em pleno mês de Fevereiro. O céu, muito azul, sem uma nuvem. Nos arredores de Elvas, foi como se tivesses voltado a 1940 ou 1941. Depois, não deixaste de achar divertido — dentro do género de coisas de que «eles» gostam — aquele ar de festa em toda a herdade.

Agora sentes-te bem por te encontrares de novo em casa, na confortável solidão da tua casa. São quase cinco da manhã. Por uma das janelas do teu quarto, cuja persiana acabas de entreabrir, vês a Lua, em quarto crescente, declinando já sobre o casario de Alfama. Nem o casaco de peles tiraste ainda, como se te agradasse sur-

prender, de quando em quando, no grande espelho do armário, a completa silhueta com que surgiste, diante do Nuno, às cinco da tarde, logo à entrada da capela.

Se o tempo não estivesse como estava, onde poderia acomodar-se tanta gente? Mas já na hipótese de não cho-ver é que tinham armado mesas ao ar livre, quer em ambos os pátios quer no amplo terreiro da herdade. Logo durante a cerimónia, mais de metade dos convidados não coube sequer dentro da capela. O certo é que também se acumulava, cá fora, grande parte do pessoal: facilmente se distinguia, logo à primeira vista, o que teria ido de Lisboa daquele outro, bem mais numeroso, que seria ali da região. E o Nuno, no fim da missa, radiante como já dono e senhor de tudo aquilo, a receber, muito com-penetrado, os cumprimentos daquela gente toda. Nem de longe suspeitava que tu estavas a observá-lo. A pequena, essa, bastante mais comedida.

Até a mãe da pequena esteve à altura das circunstâncias. Fez sempre questão, como viste, de te apresentar como sua cunhada («A viúva do meu irmão António, sabe?»), sobretudo àqueles inúmeros parentes, lá do lado do marido dela, que tu não conhecias ou não te lembravas de alguma vez ter conhecido. Pensando bem, talvez fossem eles, de entre todos os convidados, os únicos que não estariam ao corrente da história. Nem a mãe da pequena terá grande interesse em que eles a saibam. Em contrapartida, das dezenas e dezenas de pessoas que tinham ido de Lisboa, quem a ignorava?

Decides-te finalmente a tirar o casaco. Mas o modo como o arremessas para cima da cama faz-te dolorosamente lembrar duas outras mãos que nunca mais aqui terão esse gesto. E no espelho descobres, de relance, ao canto dos lábios, um vinco de amargura que em ti mesma ainda não conhecias. Tão-pouco te agrada, a esta ho-

ra da noite, o tom violáceo, quase rosado, com que de leve se disfarça a cinza dos teus cabelos. Mas o pior de tudo é a expressão ausente que por instantes te imobiliza, no rosto, um como que inumano olhar de estátua.

Recordas, no entanto, a modo de compensação, os cumprimentos e os galanteios (não foram poucos) que ainda ontem recebeste. Para começar, da parte de muitos desses parentes do lado paterno da pequena, que ao longo do dia te foram apresentando. É certo que bastantes *gauches*, coitados. A medo começavam, quase todos, por elogiar o teu domínio da língua portuguesa. E logo a mãe da pequena (porque não há-de dizer «a tua cunhada»?), se acaso os ouvia, não perdia então o ensejo de lhes ir sugerindo, com falsa docura, na sua arrastada voz provinciana, umas indicações muito precisas acerca da tua idade: «Também não admira, não é? O António já morreu há quase dezoito anos. Eles foram casados durante mais de treze... É só fazer as contas: há já um rol de tempo que a minha cunhada Erika vive cá em Portugal...» «Sim», respondias tu. «Muito, muito tempo em Portugal. Muito, muito pouco antes de Portugal.»

Via-se bem que alguns deles faziam logo as contas; e não deixavam de surgir, imediatamente ou um pouco mais tarde, os elogios de outro género. Mas tão fora de moda que chegavam a ser penosos; só te faziam bem por apesar de tudo te reconduzirem aos primeiros tempos dos teus contactos com a vida portuguesa, aos primeiros tempos daquela espécie de «corte», já então *démodée*, com que o António e os amigos do António te assediavam... Um dos tios da pequena, mais directo que os outros, até foi ontem ao ponto de rotundamente ex-claimar: «Mas está muito bem conservada!» E, fosse esta a razão ou fosse o simples facto de seres ali «uma estrangeira», a verdade é que não faltaram homens à tua roda.

Não estás a pensar apenas nesses pobres bujessos. Também um colega do Nuno, mais novo que o Nuno, e sem dúvida mais tímido, com um quase fulgor de madrugada na indecisa vivacidade dos olhos muito claros, andou que tempos a voltejar em torno de ti, até ganhar coragem para se aproximar, sob o pretexto de te oferecer, desajeitadamente, um prato com fios de ovos. Depois perguntou-te se eras austríaca ou alemã. Mas percebeu que a pergunta não passava de mais um pretexto; e que ele próprio, junto de outras pessoas, já se teria previamente informado. Mais tarde, falou muito de um confuso concurso para que andava a preparar-se. E, de repente, à queima-roupa, pediu-te se lhe podias dar o número do teu telefone.

Já agora gostarias de saber se o Nuno terá dado por alguma coisa de tudo isto.

Na altura, porém, havia duas outras reflexões que sobretudo te ocupavam. Uma delas provinha da suspeita, um tudo-nada orgulhosa, de que talvez nenhuma das portuguesas ali presentes, se estivesse no teu lugar, teria tido a coragem de aparecer, a placidez de assistir, o autodomínio suficiente para nem excessivamente se apagar nem por de mais se fazer notada. E a outra resultava de uma sensação de anacrónica irrealidade que te iam provocando, não só os galanteios, mas todos os mais temas da conversa daqueles homens: cavalos, automóveis, propriedades, caçadas, ocasionais surtidas — de que falavam como de coisas fabulosas — até Sevilha, até Madrid, até Paris. Dir-se-iam exactamente as mesmas conversas que ali tinhas ouvido, ou em herdades semelhantes àquela, trinta e dois ou trinta e três anos antes.

Mas haveria alguma coisa de mais anacronicamente irreal que a pompa provinciana de toda aquela cerimónia? Alguma coisa de mais irreal que a homilia do bis-

po, a presença de tantos padres, a exibição de tantos franges, de tantos casacos de peles, de tantos rostos a que o tempo só tinha dado a *patine* de nenhum tempo? Cairias das nuvens se alguém te lembrasse, nesse momento, o ano em que realmente te encontras. E chegava a ser incrível que tudo aquilo decorresse no mês de Fevereiro do ano da graça de 1974.

Só à saída da capela é que a maior parte das pessoas deu pela tua presença. Não te foi difícil adivinhar, nos grupos que se formaram, muitos olhares esquivos na tua direcção e muitas trocas de palavras a teu respeito. No entanto, houve apenas uma pessoa, ainda antes do copo-d'água, que teve a simplicidade de se abeirar de ti e de simpaticamente murmurar: «Oh minha senhora! Gosto tanto de a ver! Foi tão bonito a senhora ter vindo!» Logo a reconheceste, apesar de precocemente envelhecida: era uma antiga empregada da irmã do António, mais tarde «promovida» a qualquer coisa como dama de companhia, e que tinha sido, no fim de contas, quem verdadeiramente criara as pequenas. Também ela teria decerto ouvido alguns rumores. Que te importava? Só procuras-te corresponder à sua visível simpatia, dizendo-lhe com o ar mais natural deste mundo: «Recebi convite. Não podia deixar de vir. É a única sobrinha do meu marido.»

E foi de propósito que não dissesse: «É hoje a única sobrinha do meu marido.» Em semelhante dia, certamente ninguém queria pensar no suicídio da outra, da mais velha. Haveria mesmo, entre toda aquela gente, quem nunca o tivesse sabido ou quem agora já mal se recordasse: cinco anos e tal, quase seis, era tempo suficiente para que tivessem acontecido ambas as coisas.

Surpreendes-te agora a desejar que ao menos esta pequena não seja tão desequilibrada como a irmã. Parece que não. Oxalá que não. Tanto por ela como pelo Nuno.

Sentes-te fatigada; mas, por isso mesmo, sabes que dificilmente conseguirás dormir. De nada te valeria irres para a cama neste momento.

O próprio esforço que puseste na viagem do regresso (cada vez gostas menos de guiar à noite) parece ter dado um violento esticão a todos os nervos do teu corpo. Já com o olhar percorreste as estantes à procura de um livro; já colocaste no gira-discos um quinteto de Boccherini; já preparaste um *whisky* com muito gelo e água lisa, mas já voltaste a despejar tudo no lavatório, recendo a mistura do álcool com o tranquilizante que talvez tenhas de tomar; e já tornaste a pôr sobre os ombros o casaco de peles, de novo pensando na ternura e na violência daquelas duas mãos que tanto gostavam de encontrar-te, aqui mesmo, geralmente durante a noite ou já de madrugada, apenas com este ou com outro casaco em cima do corpo, e que tanto gostavam, depois disso, de com ternura e violência avidamente to despirem.

Abres agora uma das janelas da sala: adivinhas, na penumbra, a grande mole da igreja de São Vicente; e, mais para a direita, sobre o rio, já uma ténue claridade que talvez seja, ao rés da água, uma vaguíssima anunciação da manhã que ainda demora.

Por que razão havias de ser tu a única pessoa da família (da «família»?) a encontrar-se em Lisboa, nesse longínquo fim-de-semana de um mês de Junho, quando a outra pequena se suicidou? Por que razão teria decidido telefonar-te, a dar a notícia, o psiquiatra com quem ela na altura se andava a tratar? Por que razão, logo nessa noite, tanto havia ele de ter insistido para aparecer-te aqui em casa? Por que razão, nos dias seguintes, tantos e tantos telefonemas? Por que razão aquele cerco, dia a dia mais apertado? Por que razão havia ele de ser tão novo, e tão desconcertante, e tão seguro na sua apa-

rente docilidade, e tão envolvente no modo de falar do seu trabalho, dos seus interesses, dos seus projectos? Só mais tarde virias a descobrir a feroz ambição sobre que tudo isto se equilibrava. Mas era saudável o seu riso no franco impudor com que depois reconhecia a existência dessa mesma ambição.

Nunca chegarias a perceber (nem tu lho perguntaste nem ele to confessou) se tinha havido alguma coisa, para além da simples relação de médico e doente, entre ele e a sobrinha mais velha do teu marido. Como também não chegarás a saber se ao longo destes anos todos ele manteve qualquer convívio com algum outro membro da família. Somente há quatro meses, pela primeira vez, te viria a falar nesta pequena.

Que a tinha encontrado, a ela e à mãe, em casa de uns amigos comuns; que não tinham, sequer, aludido à outra; que nem por sombras se referira o teu nome; e que as duas, à despedida, o tinham convidado para um fim-de-semana no Alentejo, por ocasião da abertura da caça lá na herdade. Tudo aquilo te pareceu tão rápido que imediatamente compreendeste.

Nesse dia, aqui mesmo junto desta janela, tu própria te apressaste a pôr fim ao que já tinha chegado ao fim. Foi menos fácil do que pensavas; menos fácil, principalmente, do que em outras ocasiões, com outras pessoas, há bastante mais tempo acontecera. Não que tivesses tido, alguma vez, a respeito do Nuno, a ilusão ou a esperança de qualquer coisa duradoura — e, menos ainda, de qualquer coisa definitiva. Pelo contrário. Mas tudo se tinha tomado — talvez em parte por tua culpa — demasiado notório, demasiado *affiché* ao longo de cinco anos; e, se não deixava de ser agradável, para ti, o facto de muita gente saber o que entre vocês os dois existia, mais doloroso se tornava, quanto ao que tinha cessado de existir, o facto de essa mesma gente o saber agora.

Tão-pouco poderias dizer que se tratara dos melhores cinco anos da tua vida: tinham sido, no entanto, cinco anos com que até certo ponto já não contavas; ou que não contaras, pelo menos, vir a viver dessa maneira.

É provável que nenhum outro homem, no futuro, volte a pedir-te, pelo telefone, que o guardes aqui, dentro de meia hora, inteiramente nua sob um casaco de peles, para ter o gosto de logo em seguida to despir e de, sofregamente, como quem volta por várias vezes a um labiríntico país que nunca na verdade ou por inteiro se conhece, com as mãos e a boca te correr o corpo todo, antes de, por fim, já também despido, demoradamente te possuir. É provável que a ninguém mais, no futuro, voltes a ter ensejo de chamar a atenção para um palácio da Baviera, para um fresco do Perugino, para um pôr do Sol em Istanbul ou para um trecho da Floresta Negra, com a certeza antecipada de uma noite de amor, ou pelo menos de volúpia, no quarto ocasional de qualquer hotel de férias, na cabina de qualquer expresso, na escala de qualquer cruzeiro. Mas só agora compreendes que tanto mais te comprazes nestas imagens quanto elas menos se prestam a ter algum dia como protagonista, muito menos como oficiante, uma pobre pequena irremediavelmente provinciana, que talvez seja até muito boa menina e que ontem mesmo — porque não reconhecê-lo? — se apresentava tocantemente graciosa no seu cândido e aparatoso vestido de noiva.

Estás a «vê-la», depois, em traje de passeio, no momento da partida para a lua-de-mel (expressão horrenda!), a beijocar a mãe e as tias, a dar um abraço a este, um aperto de mão àquele, antes ainda de entrar no *Alfa-Romeu*, novinho em folha, a que uns engraçados tinham apostado, sem grande convicção, uma esvoaçante grinalda de serpentinhas. É já de noite, e está imensa

gente no terreiro. O Nuno, dentro do carro, tenta apressar as despedidas com sucessivas pezadas no acelerador. Curiosamente, não és capaz de reconstruir neste momento as feições do Nuno: apenas «vês» as suas mãos a apertarem o volante. Em contrapartida, ocorre-te agora, com fotográfica nitidez, na insegura vivacidade dos seus olhos claros, o rosto anguloso do colega do Nuno. Ele tanto insistiu que acabaste por lhe dar o número do teu telefone; mas tens a impressão de que não chegaste sequer a perguntar-lhe o nome. A menos que, se ele acaso o disse, nem o tenhas fixado.

Agora, sim, é sem dúvida a madrugada que vem surgindo, por detrás de São Vicente e sobre as águas ligeiramente encrespadas do rio. Se tivesses partido, há uma semana, para aquela viagem ao Extremo Oriente, a esta hora estarias em Tóquio; ou em Quioto. Toda te entregaste a projectar essa viagem, durante os últimos meses, como sendo o melhor pretexto para não ires ao casamento. Mas, há coisa de quinze dias, mudaste de ideias e fizeste bem: tinhas de mostrar a ti própria que eras capaz de aparecer; tinhas de novamente pôr à prova o teu *fair-play*, a fim de conjurares, com a tua presença, a permanência ou o retorno de alguns fantasmas. Não estás muito segura de o ter conseguido. Mas talvez nem seja isso que importa.

A esta hora? A esta hora, em Tóquio e em Quioto já serão três ou quatro da tarde. E subitamente percebes — como nunca até hoje te aconteceu — que esta madrugada, depois de ter passado, há umas poucas de horas, por um lugar onde neste instante poderias encontrar-te, ainda é a *mesma*, no fim de contas, que também ontem aqui se anunciou, a mesma que já antecontem aqui surgiu, a mesma que vem da semana anterior, do ano passado, do século transacto, de há milhares de outros sécu-

los, de há milhares de milénios, a mesma-sempre-diferente desde o começo do Mundo. Sempre a mesma madrugada a correr atrás da Terra. Ou, melhor, sempre a Terra no encaicho da mesma madrugada.

Sabes, Erika? Enquanto sobre a Terra te encontrares, não poderás impedir-te, mesmo que o não saibas, de também procederes, melhor ou pior, como a própria Terra vai procedendo.

1980

POSFÁCIO
DE
JOSÉ MARTINS GARCIA